

Aproximações e afastamentos: modelos em perspectiva e o conceito de comunicação poligonal

Maria Clara Santos Barbosa

IFSULDEMINAS - Campus Passos
mariaclarasantosbarbosa2@gmail.com

Daniela Martins Barbosa Couto

IFSULDEMINAS - Campus Passos
daniela.couto@ifsuldeminas.edu.br

Resumo

Neste estudo, discute-se modelos de comunicação apresentados por Sousa (2006), a fim de perceber diferentes abordagens e mapear elementos para propor o conceito de comunicação poligonal e refletir sobre dinâmicas de aproximações e afastamentos presentes nos contextos comunicativos. Para isso, também há reflexões sobre a questão dos enunciados pois, para Bakhtin (1997, p.280), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. A pesquisa é qualitativa, com metodologia exploratória e, após as discussões, o conceito resultante das interações teóricas estudadas foi utilizado para refletir sobre determinado contexto comunicativo, tendo como recorte um reels e dez comentários publicados na rede social Instagram. Com isso, foi possível observar que as interações teóricas possibilitam, na comunicação, a proposição de conceitos que ampliam as perspectivas de análise.

Palavras-chave: Contexto Comunicacional; Conceito de Comunicação Poligonal; Enunciados; Modelos de Comunicação.

Approximations and distances: models in perspective and the concept of polygonal communication.

Abstract

This study discusses communication models presented by Sousa (2006) in order to perceive different approaches and map elements to propose the concept of an polygonal communication, reflecting on the dynamics of approximation and detachment within communicative contexts. To this end, there are also reflections on the issue of utterances since, according to Bakhtin (1997, p. 280), "the use of language is carried out in the form of concrete and unique utterances (oral and written) emanating from members of one or another sphere of human activity". This is a qualitative research with an exploratory

methodology. Following the discussions, the concept resulting from the theoretical interactions studied was used to reflect on a specific communicative context, focusing on a Reels video and ten comments published on the social network Instagram. Consequently, it was observed that theoretical interactions in communication enable the proposal of concepts that expand analytical perspectives.

Keywords: *Communicational Context; The Concept of Polygonal Communication; Utterances; Communication Models.*

Introdução

Pode-se observar que a comunicação é parte integrante do dia a dia e está em toda parte, seja nos ambientes físicos ou virtuais nos quais acontecem as interações. E, nessas interações, ao compartilhar pensamentos, opiniões, posicionamentos, visões de mundo, sentimentos, conhecimentos, dúvidas, medos, entre muitas outras possibilidades, as pessoas podem assumir diferentes papéis. Dessas observações, surgiu uma inquietação que, ao ser analisada pelo viés da comunicação social, se tornou o seguinte problema de pesquisa: de que maneira uma conversa, considerando dado contexto, gera aproximação ou afastamento conforme não apenas o que se diz, mas como se diz?

Ao pensar a respeito disso, considerando os diferentes conhecimentos da área, foi possível perceber uma relação com os modelos de comunicação e enunciados, com o objetivo de discuti-los a fim de perceber elementos que os compõem e, assim, propor um conceito para refletir sobre as aproximações e afastamentos durante um contexto comunicativo. Desse modo, para discutir a questão, parte-se de Sousa (2006) para refletir sobre elementos que compõem o processo de comunicação e observar diferentes modelos e abordagens. Também houve a necessidade de refletir sobre os atos comunicativos e fases da comunicação e, para isso, foram observadas as discussões de Bordenave (2004), além de discussões sobre os enunciados, considerando Bakhtin (1997) como referência.

A hipótese foi de que os interlocutores, em um dado contexto e condições de comunicação, buscam organizar o discurso conforme suas intencionalidades, sejam elas de concordância, discordância ou abertura para o diálogo, conforme Bakhtin (1997) discute em relação ao discurso. Para isso, os envolvidos em um contexto comunicativo, seja audiovisual, oral ou escrito, por exemplo, podem utilizar estratégias diversificadas, entre elas, gestos e entonações, escolha das palavras e repertório sociocultural. E para refletir sobre essas interações e pensar como elas podem ser representadas por meio da inter-relação entre diferentes modelos de comunicação. A seguir, tem-se a discussão sobre a metodologia da pesquisa e, logo após, os resultados e discussões são apresentados. Já nas considerações finais, o estudo traz a síntese do trabalho, percepções sobre as reflexões realizadas e perspectivas de desdobramentos do tema.

Metodologia

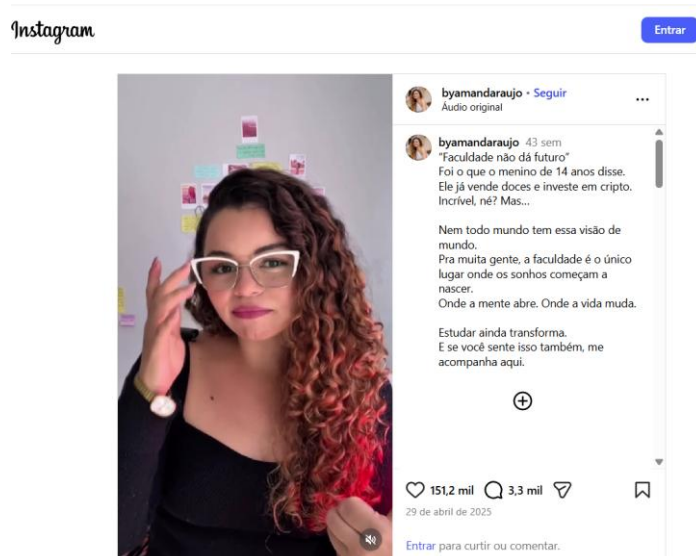
A natureza estrutural deste trabalho é qualitativa, pois se propõe a entender e explicar determinada situação. Segundo Lima (2017, p.158), a pesquisa qualitativa “fornece um método mais adequado para a apropriação de realidades complexas e multifacetadas, por meio de uma abordagem holística, que enxerga os fenômenos de um ponto de vista mais profundo e multidimensional”. Quanto aos objetivos, a pesquisa pode ser classificada como exploratória, pois há uma ênfase em entender o tema e explorá-lo melhor, “fornecendo uma base inicial de informações a partir da qual seja possível conduzir um planejamento mais efetivo” (Lima, 2017, p.139). A proposta de criação de um conceito parte da premissa de que ele é uma ideia e uma representação elaboradas a partir de algo abstrato ou concreto que, no caso, são os modelos de comunicação, e contribui para facilitar a compreensão sobre algo.

Assim, para desenvolver este trabalho, foi preciso: a) rever modelos de comunicação, segundo retrospectiva baseada em Sousa (2006) e perceber quais os elementos os compõem; b) revisar os conceitos de ato de comunicação e fases da comunicação, considerando discussões de Bordenave (2004); e, c) refletir sobre os enunciados, tendo por referência, Bakhtin (1997), a fim de percebê-los como unidade real da comunicação verbal, pois:

a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas (Bakhtin, 1997, p.294).

Após essas reflexões, houve a interpretação dos conteúdos e a interação entre elementos selecionados para que fosse possível propor um conceito – o de comunicação poligonal – para explicar as aproximações e afastamentos em dado contexto comunicativo. Para refletir sobre ele em uma situação real, foi utilizada também a “metodologia da observação” que “baseia-se num processo indireto, no qual não há a necessidade de comunicação direta entre observador e observado” (Lima, 2017, p.169). Para isso, foi selecionado um reels do perfil do Instagram @byamandaraujo (FIG.01), publicado em 25 de abril de 2025, sobre o posicionamento da professora Amanda Araújo em relação a posts de influencers que menosprezavam a escolha de cursar uma graduação.

Figura 01: Reels do perfil @byamandaraujo

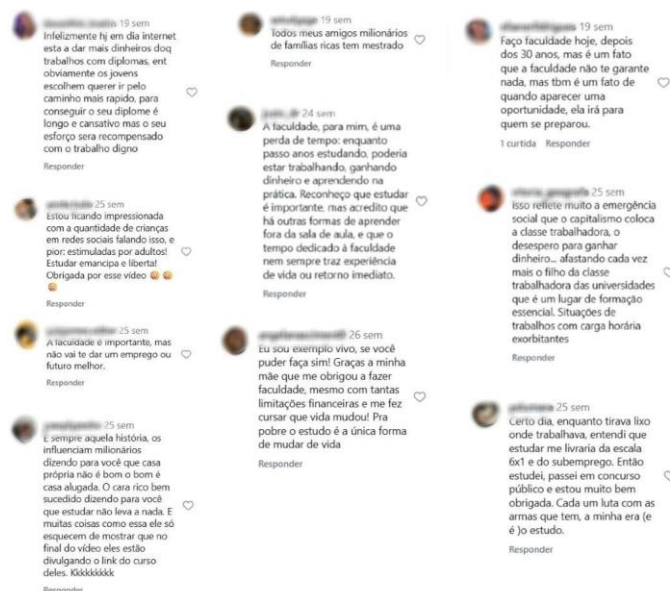


Fonte: <https://www.instagram.com/reel/DJCUEfJuCu-?igsh=MWdscmMwZTA1Y214dQ==>

Acesso: 02. Mar. 2026

Também compuseram este recorte, dez comentários publicados no perfil (FIG. 02) da professora. Em relação aos comentários, mesmo sendo públicos, a pesquisa optou por preservar os perfis, a fim de manter a privacidade dos enunciadores. Assim, eles serão identificados apenas pelos enunciados e sentidos gerados a partir da interação com o vídeo.

Figura 02: Seleção de comentários referentes ao reels perfil @byamandaraujo



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/DJCUEfJuCu-?igsh=MWdscmMwZTA1Y214dQ==>

Acesso: 02. Mar. 2026

A seleção do reels e dos comentários considerou a temática abordada sobre educação formal, que gerou mais de 150 mil reações e mais de 3 mil comentários, com diferentes percepções que hora concordavam com a defesa da professora sobre a importância da graduação, hora discordavam, e, ainda, havia aqueles que ponderavam os prós e contras. Para refletir sobre o objeto, houve a transcrição do reels da professora Amanda Araújo e a interpretação hermenêutica, que conforme Melucci (2005, p.42), observa o sentido como chave para compreender a sociedade e “o papel da linguagem como base fundamental do processo de compreensão”, a fim de descrever, caracterizar e compreender os significados dos enunciados.

Já para a composição do conceito de comunicação poligonal, buscou-se inter-relacionar os modelos de comunicação e perceber elementos que se adaptavam a contexto de interações diversas que podem gerar aproximações ou afastamentos, sejam face a face ou não, como no caso, das interações assíncronas das redes sociais via comentários, como é o caso do recorte feito aqui. A proposta de poligonal se inspira na etimologia da palavra polígono que, segundo o Dicionário Etimológico (2025, s.p.), “tem sua origem no idioma grego: póly (vários) + gonía (ângulos). Polýgonon refere-se a figura geométrica de vários ângulos”, o que, sendo adaptado para um conceito de comunicação, permite pensar em vértices (direcionamentos) e ângulos (modos de ver) que se inter-relacionam ou têm intersecções (polígonos complexos) com outros ou não (polígonos simples). Essa discussão será retomada no próximo tópico, referente ao desenvolvimento da pesquisa, trazendo também reflexões sobre enunciados, os modelos e atos de comunicação, bem como discussões sobre o conceito proposto de comunicação poligonal e a reflexão sobre ele considerando o recorte já apresentado antes.

Resultados e Discussão

Para que serve a comunicação? A essa pergunta, Bordenave (2004, p.36) dizendo o seguinte: ela serve “para as pessoas se relacionarem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia [...] Pela comunicação, as pessoas compartilham experiências, ideias, sentimentos” e, sendo assim, a ideia de atos de comunicação, para o autor, está relacionada a esse contexto em que coexistem os elementos básicos da comunicação, que são:

a realidade ou situação onde [a comunicação] se realiza e sobre a qual tem um efeito transformador; os interlocutores que dela participam; os conteúdos ou mensagens que elas compartilham; os signos que elas utilizam para representá-los; os meios que empregam para transmiti-los (Bordenave, 2004, p.40).

A questão da transmissão é controversa, tendo em vista que pode ser observada na comunicação de massa e não gerar espaço para feedbacks, mas, em outras situações, quando há interações e os interlocutores são ativos, o mais adequado seria falar em compartilhamento. Bordenave (2004) ainda observa que a atribuição de significado faz com que as coisas se tornem compreensíveis. Quanto ao processo de comunicação, avalia que:

não é possível enumerar as fases de uma comunicação como se fossem partes de uma sequência linear e ordenada. A comunicação, de fato, é um processo multifacético que ocorre ao mesmo tempo em vários níveis – consciente, subconsciente, inconsciente –, como parte orgânica do dinâmico processo da própria vida (Bordenave, 2004, p.41).

No entanto, o autor considera que, para fins de explicação, algumas fases podem ser mencionadas e ressalta que elas podem ocorrer em qualquer ordem, de forma simultânea e, até mesmo, conflituosa. E as fases que Bordenave (2004) cita, são: a pulsação vital, que se refere ao próprio organismo em que pensamentos, percepções, sentimentos emanam; a interação, que busca adaptar essa pulsação vital ao ambiente físico e social, tentando acomodar-se ou transformá-lo, compartilhando mensagens por diferentes formas; a seleção, pois a pessoa não emite tudo que contém, nem absorve ou recebe tudo que vem do ambiente, e, por isso, seleciona, seja por estímulos externos ou decisões subjetivas; a percepção, que é o sentir a realidade e perceber os signos que lhes são apresentados; a decodificação, que é dar sentido a esse ambiente, aos signos, além de determinar o que representam e a que código pertencem; a interpretação, que requer que a mensagem seja colocada em um contexto, considerando também outros elementos, como o repertório; a incorporação, que permite que a mensagem passe a fazer parte do próprio acervo e referências; e, a reação, que é o resultado da mensagem, de forma explícita ou implícita, no comportamento do receptor.

Já em relação aos modelos de comunicação, Sousa (2006, p.76) observa que eles são desenvolvidos “para tornar compreensíveis os atos comunicativos”, mas ambos são mutáveis e não abordam aspectos relacionados ao aprimoramento dos efeitos da comunicação. São modelos que contribuem para estudar dada realidade, no entanto, não abarcam todas as interações que estão presentes no processo. O autor observa também o quanto a linguagem recria a realidade e, nesse ponto, há de lembrar das considerações de White (2001), para quem as histórias são (re)construídas conforme as escolhas que são feitas por aquele que as (re)conta, sendo que as lacunas são discursivamente preenchidas segundo inferências e referências de cada um.

Sousa (2006) discute que há vários modelos de comunicação. Segundo ele, na Retórica de Aristóteles, seriam apenas três os elementos para o processo: a pessoa que fala, o discurso que faz, e a pessoa que ouve, o que leva o esquema básico de emissor -

mensagem – receptor. No entanto, pode-se observar que a comunicação é muito mais complexa e exige que sejam levados em consideração alguns outros elementos, tal como o contexto, para que seja possível uma comunicação mais assertiva.

Sousa (2006) cita também Lasswell, cuja proposta data dos anos 1940, e segundo o qual a comunicação precisa responder a cinco questões, que são: quem diz o que, em que canal, a quem e com que efeitos? O autor lembra que tal modelo foi pensado para descrever os processos nas mídias de massa, porém, não dá margem para feedbacks e interações com o receptor, pois é bastante linear. Shanon e Weaver também são discutidos por Sousa (2006): eles criaram o modelo para a comunicação eletrônica, tendo os seguintes elementos: fonte - mensagem - transmissor - sinal - sinal captado - receptor – mensagem. Nesse caso, o sinal é um dos aspectos que pode gerar ruído e, assim, interferir no entendimento da mensagem. A proposta foi criada em 1949 e se aplica bastante ao rádio que, na época, não contemplava um feedback da mensagem enviada. Nesse modelo, os autores apontam ainda três tipos de problemas na comunicação: técnicos, ligados à transmissão dos sinais; semânticos, relacionados à precisão dos significados pretendidos para a mensagem; e, problemas de eficácia, considerando como o significado recebido influencia o comportamento do destinatário.

Atualmente, a situação é muito diferente: com as redes sociais, por exemplo, é possível receber feedbacks das mensagens enviadas e interagir em tempo real. No entanto, as questões técnicas, semânticas e de eficácia permanecem, ainda que com outra roupagem, pois, se antes as falhas poderiam estar na queda do sinal, nos microfones e transmissores, hoje, elas passam a assombrar devido às diferentes interpretações que coexistem nas redes, à conexão de rede wi-fi, que pode estar instável, bem como falhas no dispositivo ou queda de energia, que pode acontecer em ambos os lados, seja do receptor ou do emissor.

Já o modelo de Newcomb, conforme Sousa (2006), trata sobre o papel da comunicação na sociedade e grupos, e observa que as interações são atos comunicativos, e considera a questão dos feedbacks. Ele propõe a teoria dos triângulos, segundo a qual é preciso manter o equilíbrio em relação ao “X”, que pode ser, por exemplo, um ponto em comum. Assim, ele busca a simetria dos triângulos: se A e B são amigos e “X” é um tópico em comum entre eles ou um tema importante para os dois, eles tendem a manter o equilíbrio. Há uma tentativa de entender as relações, motivações e dinâmicas entre duas pessoas conversando, sendo que “a comunicação é, em síntese, o processo que permite às pessoas co-orientar as suas condutas” (Sousa, 2006, p. 86).

Já o modelo de Schramm, ainda de acordo com Sousa (2006), se baseia em Shanon e Weaver, mas observa que emissor e receptor também exercem a função de codificador e decodificador e que isso vem das suas experiências anteriores de vida. Um exemplo, segundo Sousa (2006), seria a facilidade em explicar um fenômeno entre físicos, pois ambos partilham da mesma base de conhecimentos prévios sobre o assunto. Conforme o autor, Schramm introduziu o conceito de feedback, sendo o primeiro modelo circular, considerando que, ao se emitir uma mensagem, na realidade, emitem-se várias mensagens.

Em relação ao modelo de Gerbner, os itens citados por Sousa (2006) são: acontecimento, disponibilidade, percepção/seleção, agente 1, meios (controle/acesso/disponibilidade), mensagem (formas-sinal/conteúdos), disponibilidade, percepção/seleção e agente 2. Para ele, comunicação é transmissão de mensagens, o que é problemático, pois pressupõe que o outro só recebe. Nesse modelo, Sousa (2006) menciona que a percepção pode ser seletiva, ou seja, a pessoa observa o que quer ou que mais chama mais atenção. “O enquadramento da mensagem é externamente condicionado pela cultura” (Sousa, 2006, p.88), e, assim, pode-se dizer que as referências vão mediar a interpretação.

Sousa (2006) também discute sobre Jakobson, cuja abordagem se volta para a estrutura do texto. Nesse modelo, observa-se que há: contexto, do qual a mensagem faz parte e que interfere na interpretação; destinador, mensagem, destinatário, contato e código. Nessa proposta, a mensagem precisa ter um contexto e os interlocutores a entendem porque dominam o mesmo código. Há, também, a Escola Invisível, segundo a qual a comunicação é a matriz para todas as relações e atividades humanas.

Conforme Sousa (2006), as pessoas são emissoras e receptoras simultâneas das mensagens e as ressignificam, enquanto se tornam fonte e recepção ao mesmo tempo. São contribuições dessa escola, os cinco axiomas da comunicação: 1) é impossível não comunicar; 2) há dois níveis de comunicação em cada ato comunicativo - o conteúdo (os dados em si) e a relação (contexto dele), aspectos que permitem a interpretação dos dados e influenciam a interação; 3) pontuação (finalização) da sequência (a mensagem depende da sua organização interna); 4) a comunicação pode ser digital ou analógica, o que, hoje, se observa em codificação de diferentes sinais, como emojis, figurinhas, memes, ícones; e, 5) a interação entre os participantes num ato comunicativo pode ser simétrica, quando as diferenças entre os interlocutores são mínimas, ou complementar, quando há maximização dessas diferenças. Essa vertente, porém, não cita que a comunicação pode, também, ser conflitiva, aspecto que também precisa ser observado. Essa questão da simetria lembra um pouco da proposta de Newcomb, em se tratando do triângulo que busca o equilíbrio entre as relações e comunicações.

Ao inter-relacionar os modelos discutidos por Sousa (2006), pode-se observar que Jakobson considera que o contexto é essencial para que a conversa aconteça, pois a mensagem só pode ser compreendida quando há o compartilhamento do mesmo código (ou contexto linguístico) e ele está presente durante todo o ato comunicativo e envolve não apenas o que acontece no momento presente, mas também experiências, memórias, referências dos interlocutores. O contexto é responsável pela interpretação do que está sendo dito e como está sendo dito. O modelo de Lasswell contribui com questões que podem ser importantes para orientar a conversa - como as perguntas básicas -, em se tratando de algo mais formal. Schramm diz que o modo como o presente é interpretado depende da bagagem de experiências vividas e Gerbner, também segundo Sousa (2006, p.88), afirma que “o enquadramento da mensagem é externamente condicionado pela cultura” e as percepções sobre o futuro.

Já Newcomb diz que a maneira como a mensagem é interpretada depende das motivações do indivíduo e ele é o responsável pela interpretação do que está sendo dito e como está sendo dito, o que se relaciona também com a expectativa dos interlocutores. Já a Escola Invisível chama isso de relação e considera que elementos como gestos e entoação da voz quando se profere uma frase, podem determinar uma conduta durante o ato comunicativo. Há de se considerar ainda que é relevante analisar o ambiente no qual a comunicação acontece, já que ele, muitas vezes, pode conter regras, por exemplo, que influenciam na fluidez ou não da comunicação. Outro ponto a ser observado é o nível de proximidade entre os interlocutores que pode, também, influenciar no contexto, inclusive, hierárquico.

Considerando, conforme Bakhtin (1997), que a linguagem tem uma natureza dialógica, observa-se que todo enunciado é uma resposta a outro, criando um diálogo entre as vozes presentes. A concordância ou discordância são formas de participação neste diálogo, indicando a posição do falante em relação ao ouvinte. Para Bakhtin (1997), a utilização da língua se relaciona com todas as esferas da atividade humana e isso se efetua em forma de enunciados que são concretos e únicos, sejam eles orais e escritos. Eles também refletem condições específicas e finalidades dessas diferentes esferas, “não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal [...], mas também, e sobretudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 1997, p.280). Desse modo, conteúdo temático, estilo e construção composicional estão, de forma indissolúvel, integrados no todo do enunciado, sendo, ainda, marcados por especificidades de uma dada esfera de comunicação. Segundo o autor:

o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude

responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor [...] a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido [...] pode realizar-se diretamente como um ato [...], pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda [...], mas neste caso trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (Bakhtin, 1997, p.291-292).

Para Bakhtin (1997, p.293), a variedade de gêneros pressupõe variedade de intenções de quem fala ou escreve, sendo que “o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”. Mas, por que algumas situações geram diálogo sem ruptura e outras geram distanciamentos?

Conforme já discutido em relação à comunicação e aos enunciados, tanto em Bordenave (2004), quanto em Bakhtin (1997), pode-se dizer que diferentes elementos subjetivos, influenciados, inclusive, pelo contexto, podem interferir nisso. Também fazem parte dele, outra esfera da comunicação, tais como gestos, entonação, escolha das palavras, modos de dizer, entre outros, que podem levar os interlocutores a perceberem pontos de concordância, discordância ou desdobramentos do diálogo, levando-os a se afastarem ou a se aproximarem.

Em uma comunicação verbal, o enunciado envolve não apenas o que é dito, mas, também, como é dito: tom de voz, gesticulação, presença, segurança na fala, postura, elementos que dão ou não credibilidade. Já na comunicação escrita, tais aspectos, inclusive, de credibilidade, podem se voltar para o domínio do código e modo de expressão, elementos que serão decodificados, também, por quem os compartilha. Essas diferentes interações teóricas e simbólicas que concorrem para gerar aproximações e afastamentos nos contextos comunicacionais, podem ser observadas no reels da professora Amanda Araújo que reagiu a vídeos de influenciadores que menosprezam o curso superior. A professora criticou o poder dos influenciadores nas redes sociais, que discursam livremente sobre temas expressando somente a sua opinião, sem embasamento científico, gerando desinformação entre os jovens. Ela também alerta que esses discursos podem ser muito maléficos para pessoas de outras realidades que não têm condições de ir atrás do próprio conhecimento, e afirma que o ensino superior pode transformar vidas.

No reels, a professora Amanda questiona as falas contidas em um vídeo pequeno, localizado no canto superior da tela, cuja transcrição é a seguinte: um homem pergunta para criança: você vai fazer faculdade de quê? E, o menino, responde: “Não vou fazer faculdade”. O interlocutor insiste: por quê? E o menino diz: Por causa que faculdade não dá futuro. Logo

após, aparece uma influencer falando que “diploma não é garantia de nada”, seguida de outro influenciador que diz o seguinte: “aliás, desde quando faculdade é garantia de alguma coisa? Porque o que a gente mais vê por aí é gente formada e sem emprego” [sic] e, logo depois, finaliza o vídeo pequeno com a fala de mais um influencer: “não faça faculdade se você acha que algum diploma vai te garantir algum tipo de trabalho ou futuro” [sic]. Quando o vídeo finaliza, a professora Amanda Araújo faz os questionamentos e comentários a seguir:

Esse é o problema do mercado de influência hoje em dia: qualquer pessoa pode pegar o celular e falar o que quiser, e essa fala, uma vez na internet, pode entrar na mente de um adolescente, jovem adulto como uma grande verdade. Só que pra quem vem da periferia, áreas rurais, zonas pobres, a realidade é completamente outra. Nem todo mundo tem a mentalidade de buscar conhecimento sozinho, nem todo mundo tem acesso a exemplos inspiradores dentro de casa. Para muitas pessoas, a faculdade é o primeiro lugar onde eles conhecem alguém que vive diferente da realidade que eles sempre viram a vida toda. É o ambiente que desperta os sonhos, que mostra possibilidades, que constrói maturidade. Se você acredita que estudar transforma a vida de verdade, me segue aqui, porque o ser humano é social, gente, e só evoluímos porque aprendemos e, aí, crescemos uns com os outros. Essa onda de negar a importância de uma formação não é só sobre dinheiro, é sobre você abrir mão de construir algo muito maior: a sua própria evolução. Estudar é muito mais que garantir um emprego, é garantir novas formas de enxergar o mundo, e quem concorda, respira (Araújo, 2025, s.p.).

Ao analisar o reels e os comentários – discussão sobre fazer ou não fazer faculdade, ou seja, curso superior – o contexto se observa, principalmente, na bagagem cultural e vivências que cada indivíduo carrega, seja em relações familiares, relações midiáticas ou exemplos de sucesso. Esse último elemento pode gerar um sentimento em alguns indivíduos de que o que aconteceu com certa pessoa também poderá acontecer com ela. Se o primeiro contato for “a influencer que não fez faculdade e hoje ganha milhões de reais trabalhando com internet”, isso pode implicar em uma primeira percepção sobre a temática de fazer graduação como algo desnecessário. Além disso, com as redes sociais, as pessoas são capazes de opinar sobre diversos temas (sem necessariamente ter propriedade no assunto) e existem casos de pessoas que não reconhecem a importância do ensino superior, ou acreditam que é uma perda de tempo e criam conteúdos que podem gerar uma primeira percepção negativa no indivíduo.

Mas, posicionamentos contrários também são percebidos nos comentários, gerando um contexto positivo em que a pessoa relata que sua família a incentivou a fazer graduação e que mudou de vida, e outras que viram exemplos positivos de quem estudou, o que reflete em uma pessoa com uma visão mais propensa a fazer ensino superior e menos suscetível a acreditar no discurso que graduação é perda de tempo. Nos comentários, percebe-se que os enunciados que ocorrem no presente, levam em consideração o passado

e o futuro. As redes sociais são um ambiente em que muitas pessoas querem falar e nos comentários acontece uma comunicação conflitiva quando são abordados tópicos polêmicos, havendo concordâncias e discordâncias.

Considerações Finais

Todos os modelos de comunicação discutidos apresentam elementos básicos como emissor, mensagem, canal, meio, receptor, alterando, entre si, aspectos relacionados à presença ou não de feedbacks, contextos de produção e recepção, modos como as interações acontecem: lineares, circulares, em fluxos. Diante disso, e a fim de esclarecer o problema de pesquisa deste estudo, os elementos selecionados e inter-relacionados com a intenção de explicar as dinâmicas de aproximação e afastamento percebidas no ato comunicativo observado no reels e nos comentários, são:

- Semântica e feedback, observados conforme o modelo de Schramm e, também, Shanon e Weaver segundo Sousa (2006), pois há a busca por compreender para quem a mensagem será direcionada, a fim de reduzir tanto a polissemia do enunciado, quanto os ruídos do canal e meio. Afinal, é difícil saber qual o comportamento do receptor e como ele interpretará a mensagem, considerando não só o enunciado verbal, mas as condições de produção dele, como, por exemplo, uma gravação de áudio (tom de voz, som ambiente com ou sem ruído, entre outros), além de questões como referências e bagagem cultural. Acredita-se que quando a mensagem é compartilhada não se avalia somente o que é dito, mas também como é dito, os gestos, vestuário, postura, e que as entrelinhas, ou seja, aquilo que não é explicitamente dito, fazem diferença na interpretação da mensagem.

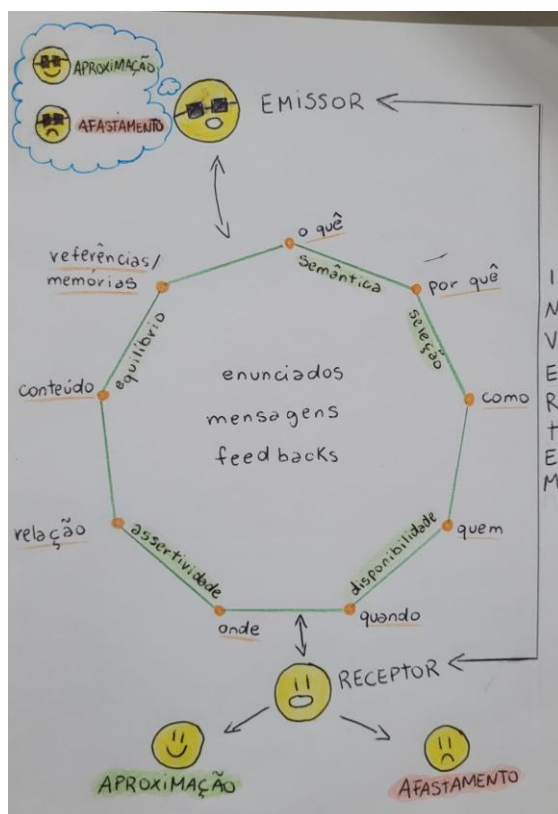
- Equilíbrio e assertividade, objetivos de comunicação considerando o modelo de Newcomb conforme discussão de Sousa (2006), sendo que a ideia é equilibrar a interação para que os envolvidos possam expor os seus pontos de vistas, sem ofender ou ofuscar os pensamentos uns dos outros e, se for o caso, chegar a um consenso. Há ainda, uma tentativa de entender as relações, motivações e dinâmicas entre as pessoas que dialogam e, junto a isso, busca-se ir além e avaliar o contexto junto a outras variáveis.

- Disponibilidade, percepção e seleção, aspectos discutidos por Gerbner, segundo Sousa (2006), e que considera que a atenção pode ser seletiva, ou seja, a pessoa observa o que quer ou que mais chama mais atenção; são os filtros, construídos também por interesses e referências e relacionados ao contexto de cada pessoa.

- Relação, elemento que Sousa (2006) observa fazer parte do modelo da Escola Invisível e que pode ser entendida como a interpretação do conjunto de fatores que integram a comunicação, incluindo, a organização da mensagem.

Assim, o conceito de comunicação poligonal é uma simplificação baseada nos modelos de comunicação discutidos por Sousa (2006) e busca entender as condições do discurso, que envolve diferentes variáveis existentes na comunicação e tenta prever como será o decorrer dessa comunicação e, com isso, diante de uma situação de comunicação ideal, organizar as informações de modo que elas cheguem mais próximas daquilo que se pretende com o processo de comunicação vivenciado. Uma representação visual desse conceito pode ser observada na FIG 03.

Figura 03: Representação visual do conceito de comunicação poligonal



Fonte: As autoras, 2026

Toda comunicação envolve interações simbólicas e pode gerar dois tipos básicos de reação – um afastamento ou uma aproximação – e, isso, depende da bagagem cultural que o receptor da mensagem carrega e das intencionalidades. Nessa dinâmica, também contam se o emissor está sendo assertivo naquilo que sente e diz, além dos valores de cada um, e questões como credibilidade e confiança, ainda mais considerando o contexto atual. Além desses fatores, existem outras seis variáveis (quem, o quê, quando, onde, como e por quê) que, juntas, interferem na maneira como o “eu” fala, formando o polígono, influenciando se, após a conversa, o receptor terá sentimentos positivos ou negativos sobre o emissor (ou outros interlocutores).

Durante uma conversa os papéis do “eu” e “você” se invertem diversas vezes, sendo que: o “quem” envolve uma relação de alteridade – quem é o “você” com que ele conversa? Parente, amigo, colega de trabalho? O “quando”, traz a percepção do momento e do tempo em que a conversa está acontecendo: manhã, tarde, noite, final de semana, datas comemorativas? O “onde” remete ao lugar – em casa, na rua, na rede social – e, muitas vezes, influencia o tipo de linguagem que será utilizada - se formal ou coloquial, por exemplo. A questão “o quê” traz qual é o assunto abordado e, com isso, de alguma forma, direciona as percepções que serão compartilhadas. Também existe o “como”, que pode influenciar nas interações, como tom de voz, gestos e linguajar, temperamento. Se foi dito de maneira ofensiva de acordo com o quem, onde e quando, provavelmente gerará uma visão negativa ao receptor (isso se ele souber dentro de seu repertório e princípios que a maneira que foi dita não é “cortês”). Além disso, podem existir fatores extras, como o diálogo com outras pessoas externas, que podem auxiliar pró-aproximação ou pró-afastamento, interferindo na opinião inicial do interlocutor.

A pesquisa não se esgota por aqui, pois o conceito inicial de comunicação poligonal, que abrange a percepção de diferentes elementos dos modelos de comunicação para refletir sobre aproximações e afastamentos, é algo a ser desenvolvido e explorado para além da iniciação científica. Acredita-se que este primeiro passo é essencial para vislumbrar as possibilidades de interconexões que a comunicação e o discurso têm, de modo a ampliar as potencialidades de reflexões e análises sobre diferentes objetos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BORDENAVE, Jean. **O que é Comunicação**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DECARLO, Larissa Pimentel. **Polígonos**: conceitos e definições. [monografia – graduação]. UFF: Niterói, 2021. Disponível em:
<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/25492/TCC_Larissa%20Pimentel%20Decarlo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso: 21 jun. 2025.

DICIONÁRIO Etimológico. **Polígono**. Disponível em:
<<https://www.dicionarioetimologico.com.br/poligono/>>. Acesso: 21 jun. 2025.

LIMA, Alexandre Correa. Capítulo 3: Metodologia. In: **Pesquisas de opinião pública**: teoria, prática e estudos de caso. São Paulo: Novatec, 2017.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura. In: **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Trad. Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Alguns modelos do processo de comunicação. In: **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: UBI, 2006.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: **Trópicos do discurso**: ensaios sobre crítica da cultura Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.